

algarve

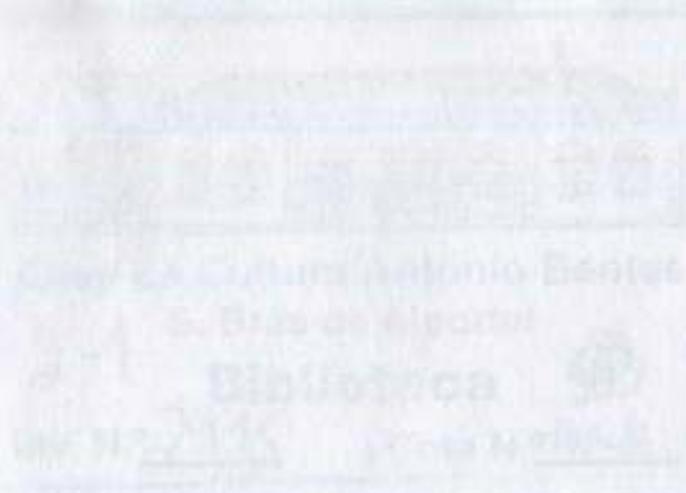
13º Congresso



Lagos 15-17 Novembro 2007
Centro Cultural de Lagos

*O Algarve e o Mar
Portugal e o Algarve
Quem decide (n)a Região?*





Produção Gráfica:
Estria, Produções Gráficas, S.A.
Rua Antero de Quental, Nº 11-A
2620-087 Póvoa de Santo Adrião
Tel. 219 385 669 . Fax 219 385 675
E-mail: estria@mail.telepac.pt

Depósito Legal: 267138 / 07



13º Congresso do Algarve

15, 16 e 17 Novembro 2007
Centro Cultural de Lagos



Influência da Cidade Muçulmana no Ordenamento de Território e do Espaço Urbano no Algarve



ANTÓNIO MADEIRA SANTOS

RESUMO

A comunicação pretende identificar algumas das características presentes na cidade de al-Andalus, conceito, ordenamento, desenho urbano, funções, actividades, relações sociais, espaços públicos e privados, poder político, administração e o modo como este legado influenciou o ordenamento do território, o desenvolvimento urbano no Algarve e até que ponto ele ainda está presente e identificável na cidade actual.

COMUNICAÇÃO

1. A cidade de al-Andalus

Falar da cidade do al-Andalus, significa avaliar o conjunto de termos que a ela se referem, ou podem referir através de sofismas e paralogismos, durante o período de dominação política muçulmana do território peninsular ibérico ocidental, sul atlântico e mediterrâneo europeu. Por isso, não é seguro afirmar, que a designação cidade se relacione com o número de habitantes ou áreas afectas a usos urbanos mas, mais correctamente, a centros populacionais diferenciados, especializados em determinadas funções ou actividades, quer sejam criados a partir de locais defensivos fortificados, desenvolvidos sobre complexos romanos e visigóticos, quer ainda de povoamentos agrícolas, as alcarias.

A cidade muçulmana não se coaduna com a complexidade das cidades helenísticas e romanas e, por isso, não se encontram nela os tradicionais edifícios públicos clássicos: fóruns, basílicas, teatros, anfiteatros, ginásios, termas. A simplicidade de um sistema cultural redutor de acontecimentos sociais, reflecte-se na existência de edifícios privados: casas e palácios e dois tipos de edifícios públicos: as mesquitas destinadas ao culto religioso e os banhos, que de certo modo correspondem às termas romanas.

Os edifícios são quase sempre de um só andar e a cidade é um agregado de casas

de carácter reservado, não revelando ao exterior o confidencial da vida familiar, sua forma e importância.

Ruas estreitas (encontramos aqui uma regra muito difundida na cidade muçulmana, sete pés de largura, o equivalente a 2,13 metros) labirínticas, de passagens tortuosas e algumas vezes cobertas, executas em pedra de campo, alternada por juntas a cutelo não permitem orientação urbana e visão do conjunto. Têm também a função de consolidação de fundações de paredes de muralhas e edifícios.

À medida que se expande, a cidade torna-se um organismo compacto, fechado por uma ou mais muralhas em que o acesso, conjunto complexo de porta externa, pátio ou pátios internos e porta interna, funciona como vestibulo da cidade.

Em função da extensão do espaço contido intramuros, podemos distinguir na cidade muçulmana três categorias: superfície inferior a 20 Ha (onde estão compreendidas todas as cidades do Algarve muçulmano), entre 20 e 100 Ha e superior a 100 Ha.

Em estudos arqueológicos efectuados na alcáçova de Málaga sobre dimensão do lote urbano e da compartimentação habitacional, Torres Balbás estimou que a superfície média de uma casa seria de 172 m², seis o número de ocupantes e 348 Hab/Ha a densidade populacional. ⁽⁴⁾ Uma vez que os edifícios não teriam mais do que dois pisos, o índice de ocupação e impermeabilização do solo urbano era elevado.

1.1. Desenho Urbano

A diversidade de paisagens urbanas na cidade muçulmana deve-se basicamente a dois factores: topografia, considerando a orografia e a hidrografia, e a morfologia urbana que, no conjunto, devem satisfazer necessidades contraditórias: protecção e segurança contra adversários e intempéries, localização em rotas e vias comerciais. É por isso que encontramos diferenciados tipos de configuração de espaço urbano: alcantilado, acrópole, colina, vale com um ou vários acessos marginados, por curso de água.

No contexto do ordenamento do território, os aglomerados rurais (alcarias/aldeias), povoamentos abertos, não beneficiavam das infra-estruturas das cidades mas a sua implantação tinha em consideração a rede de vias existentes, terrestres, fluviais e marítimas.

As fortificações urbanas presentes no Algarve, localizadas em espaços alcantilados, vigiavam acessos, controlavam o tráfego comercial e constituíam postos militares de defesa e alerta. Castelo das Relíquias sobre a Ribeira do Vascão, Castelo Velho de Alcoutim sobre a navegação que subia o Guadiana com destino a Mértola, Castelo de Caceia que controlava o movimento de embarcações na costa compreendida entre a foz do Guadiana e foz do Gilão.

Com excepção dos espaços associados aos rituais Islâmicos, a cidade é um espaço fechado, confinado, pedonal, privado e pessoal, regulado por sistema de ordenamento, gestão, edificação e desenvolvimento urbano, baseado no Islão, actuando sobre a forma física dos edifícios, a monitorização dos conflitos sociais da época, existentes e potenciais.

Este sistema, constituído por tradições islâmicas, regulava:

- O uso do solo e seus condicionantes
- A hierarquia e dimensionamento das vias
- A altura dos edifícios
- O uso das coberturas e a sua privacidade

- A abertura e dimensionamento de janelas
- O posicionamento e orientação de portas
- O uso do espaço imediatamente exterior às habitações

Como paisagem construída, a cidade muçulmana pode ser descrita visualmente como uma textura coesa de edificações, ocasionalmente com um elemento vertical, a mesquita, a enfatizar a horizontalidade do desenho geral.

1.2. A morfologia urbana

O bazar, a mesquita, os bairros residenciais, os lavadouros urbanos e os banhos públicos são, no essencial, os cinco elementos estruturantes da cidade. A alcáçova sendo um espaço particular e diferenciado relativamente à cidade, possui características de organização espacial defensiva para o exercício do poder político, administrativo, militar e de jurisprudência islâmica.

O bazar representa o centro de negócios da cidade. Nele desaguam acessos e vias comerciais com os usos e actividades necessárias ao abastecimento e assistência às caravanas itinerantes dos negociantes. Serralheiros, quinquilheiros e vendedores de produtos variados localizavam-se à entrada da cidade. Regra geral, o bazar era uma via urbana, coberta temporariamente por toldo de caniço e mais raramente por tecidos ou lonas, onde os comerciantes estabeleciam as suas bancas. Ruas estreitas permitiam o ar circular e a penetração difusa de luz, facultava aos transeuntes alguma frescura. Em cidades mais estabelecidas este tipo de bazar é substituído por construções menos efémeras de instalações leves e portáteis.

Os diferentes bairros eram normalmente associados a famílias, tribos ou a determinado tipo de negócio ou profissão.

Os cemitérios e zonas associadas a indústrias tóxicas, tais como a cerâmica e os curtumes, localizavam-se no arrabalde exterior à cidade.

Em pequenas cidades este zonamento não era assim tão claro, tudo dependendo da intensidade da sua actividade comercial e industrial.

Os espaços verdes são privados, de escala reduzida, omitindo referências desenhadas a objectos exteriores ao local onde se inserem, desempenhando os planos de água, integrados no público e privado da cidade, papel superior ao da arborização. Esta, como espaço de lazer e frescura, encontrava-se nas zonas de plantio agrícola, dos arrabaldes e zonas rurais.

1.3. A habitação urbana

A habitação é entendida como o recinto onde o muçulmano se dispõe para cumprir com as suas obrigações públicas e, esta noção, vinda do privado para o público é a chave para a compreensão da morfologia da cidade muçulmana.

Contrariamente às culturas ocidentais, a hierarquia do espaço inicia-se na privacidade da habitação, sendo praticamente impossível afirmar, a partir do exterior, quem vive por detrás duma parede ou muro.

Duas tipologias habitacionais eram frequentes, nenhuma delas com janelas abertas ao arruamento:

- A que compreendia um pátio interno, coberto ou não, circundado por espaços habitacionais cobertos;

- A que compreendia uma organização espacial com gradeamentos de ocultação e de segurança em madeira, torneada e talhada, em contacto com o arruamento e janelas para o lado oposto, de forma a dar luz e ventilação à casa.

Em alguns casos, no interior dos edifícios, eram usados sistemas naturais de ventilação que canalizavam o ar. Esta técnica foi, sobretudo, utilizada nos ambientes quentes e húmidos do litoral.

O direito e o dever pela observação das regras urbanas eram controlados por um inspector que assegurava o seu cumprimento.

2. CARACTERÍSTICAS DA OCUPAÇÃO MUÇULMANA

O Algarve é sobretudo ocupado por muçulmanos provindos do Iémen e tribos beduínas e berberes provindos do Magreb Africano. Povos pouco sofisticados, sem perfil, capacidade financeira e talvez mesmo sem o desejo de produzir um ambiente refinado no seu estilo de vida de comerciantes e quinquilheiros nómadas.

No Algarve a área de território ocupado pela cidade muçulmana intramuros oscila entre 9,25 Ha em Silves (8 Ha espaço habitacional e 1,25 Ha da Alcáçova) e Faro e os 3 Ha das povoações mais reduzidas.

A acreditar na descrição de um cruzado que acompanhou a conquista de Silves por D. Sancho I em 1189, conforme *Centros Históricos de Influência Islâmica*,¹⁰ quanto ao número de habitantes na tomada da cidade, Silves possuiria então a densidade populacional mais elevada das cidades do Algarve, aproximadamente 200 Hab/Ha. Tavira com 7 Ha possuiria cerca de 100 vizinhos intramuros, 900 extramuros e uma densidade populacional de 75 hab / Ha, bastante inferior à de Silves. Loulé teria intramuros 5 Ha, Alvor, Albufeira, Alportel e uma série de povoações fortificadas, 3 a 4 Ha.

Porque baseados em descrições que utilizam épocas, situações e enquadramentos diferentes, abarcando cerca de 5 séculos de ocupação, estes indicadores devem ser utilizados com prudência.

3. A INFLUÊNCIA MUÇULMANA

A influência da cidade muçulmana manifesta-se, ainda hoje, nos vários comportamentos, prática e cultura urbana de que os mercados, situados ao longo das vias de acesso às povoações e dentro delas, são um dos melhores exemplos.

Os lavadouros públicos, as latrinas e os banhos públicos foram, até meados do século passado, elementos presentes no espaço urbano. Também o abastecimento de água fazia-se ainda de poços e noras, para tanques e pilhetas de distribuição através de levadas.

Presente estava também o aproveitamento das águas da chuva em cisternas enterradas junto dos locais de habitação.

No Algarve encontramos ainda a diversidade morfológica e formal da cidade muçulmana. Olhão e Fuzeta apresentam características diferentes de Tavira e Silves. Olhão, apesar da construção de alvenaria datar do fim do século XVIII representa bem a herança de ocupação do lote na cidade muçulmana, transição entre espaço privado e público e na

utilização de terraços e coberturas. O zonamento do espaço habitacional em bairros tem-se mantido, sendo frequentes designações como: o Bairro dos Pescadores, dos Índios, o Sultão.

Até meados do século XX o ordenamento do território mantinha as características de povoamento muçulmano, com a faixa do barrocal a utilizar ainda as inovações introduzidas até ao século XIII, pela ocupação muçulmana. Localidades abertas e pequenos grupos dispersos mantinham um ordenamento de exploração e concentração dos recursos agrícolas, arborícola e de irrigação, apenas alterado pela introdução da exploração ovídea, suína e bovina.

A ocupação do território fazia-se ainda em núcleos de pequena ou média propriedade, na área de influência de centro urbanos descendentes de alcarias muçulmanas.

Desde o fim do século IX, até ao fim do período Almóada, assiste-se à expansão das actividades marítimas de navegação, pesca, comércio e afinidades navais, que conduziu ao incremento de povoados no litoral e a implantação de estaleiros nos portos interiores de Silves, Faro e Tavira.

No período compreendido entre a segunda metade do século XII e a primeira do século XIII, resultante da deslocação de populações em fuga da conquista a Norte, faz-se sentir maior pressão demográfica sobre o território do Algarve. É, durante o período da ocupação almóada, que se desenvolve o ordenamento da orla marítima, com a construção de fortins de defesa.

Posteriormente desenvolveu-se mais o conceito de porto que enfrenta o mar alto, o que ocasionou a perda da importância dos centros populacionais urbanos interiores, mantendo-se, no entanto, o interesse comercial dirigido para os portos muçulmanos. Só a partir da crise do século XIV, da queda do reino islâmico de Granada no fim do século XV (1492) e, com o surgimento de ambições globais em Portugal, é que aquelas rotas perderam interesse.

Apesar desta nova visão, os povoados litorais foram mantendo até meados do século XX, as características do período muçulmano. A explosão do turismo e a ocupação intensa da faixa litoral, quase apaga por completo a influência da cidade muçulmana na organização do território. Desde então, a pressão urbanística exercida sobre o Algarve, veio alterar a leitura do ordenamento e da influência que a cidade muçulmana exerceu. Esta alteração afirmou-se particularmente violenta a barlavento.

A precariedade dos materiais utilizados na construção dos edifícios, provavelmente pela fraca capacidade financeira dos seus promotores, razões religiosas e outras formas de cultura, foi um dos motivos pelos quais não chegaram até nós mais e variados vestígios construídos da época. É na cerâmica e nas construções militares defensivas, por mais exigentes de construção e centros fundamentais da organização do território e da cidade muçulmana, que encontramos os melhores vestígios.

Com excepção de Loulé, que é apontada como o desenvolvimento de uma alcaria rural, a ocupação urbana muçulmana fez-se nas instalações visigóticas e romanas tomadas na conquista.

As áreas de serra algarvia, zona de ocupação muçulmana berbere, mantêm ainda hoje as mesmas características de povoamento, ligadas à disponibilidade e adequabilidade aos recursos hidroagrícolas e industriais mineiros.

As ocupações defensivas são os melhores exemplares de organização do território, porque evidenciam a existência da necessidade de defesa dos interesses administrativos, industriais, comerciais e populacionais instalados.

Até ao fim da Idade Média são numerosos os muçulmanos em comunidades mudéjares presentes em Silves, Loulé e Tavira, dando ao território continuidade à herança muçulmana.

Oihão manteve e prolongou, até ao século passado, ligação com as antigas rotas muçulmanas, fazendo navegação para Almeria, Gibraltar e pesca em Larache situada a sudeste de Tânger.

BIBLIOGRAFIA

- ABIKO, Alex Kenya, ALMEIDA Marco António Plácido de, BARREIROS, Mário António Ferreira, 1995, *Urbanismo: história e desenvolvimento*, (<http://publicacoes.pcc.usp.br/PDF/ttpcc16.pdf>) Escola Politécnica da USP, Departamento de Engenharia de Construção Civil - São Paulo
- ALEGRIA, José, *A Geoarquitectura na revivificação do património Cultural de Marrocos e Portugal*, 2001, em *Património islâmico dos centros urbanos do Algarve: contributos para o futuro: comunicações*, Comissão de Coordenação da Região do Algarve, (2002).
- ASSOCIAÇÃO ARQUITECTOS PORTUGUESES, 1988, *Arquitectura Popular em Portugal*, AAP
- CATARINO, Helena, 2002, *O Algarve islâmico: roteiro por Faro, Loulé, Silves e Tavira*, Comissão de Coordenação da Região do Algarve.
- 2001, *Herança islâmica na Madinat al-'Uliã (Loulé)*, em *Património islâmico dos centros urbanos do Algarve: contributos para o futuro: comunicações*, Comissão de Coordenação da Região do Algarve, (2002).
- CORREIA, Fernando Branco, *Fortificações urbanas da época islâmica no Algarve*, 2001, em *Património islâmico dos centros urbanos do Algarve: contributos para o futuro: comunicações*, Comissão de Coordenação da Região do Algarve, (2002).
- COUTINHO, Valdemar, coordenação de, 2001, *Centros históricos de Influência Islâmica, Tavira, Faro, Loulé, Silves*, Edição do Instituto de Cultura Ibero-Atlântica, Portimão, Campo arqueológico de Mértola
- COUTINHO, Valdemar, coordenação de, 2001, *Dinâmica defensiva da costa do Algarve: do período islâmico ao século XVIII*, Instituto de Cultura Ibero-Atlântica.
- KHAWLI, Abdallah, 2001, *Algumas reflexões acerca do Algarve nos primeiros séculos da islamização*, em *Património islâmico dos centros urbanos do Algarve: contributos para o futuro: comunicações*, Comissão de Coordenação da Região do Algarve, (2002).
- MAGALHÃES, Natércia, 2003, *O legado arquitectónico islâmico no Algarve*, Faro, Direcção Regional do IPPAR
- MAIA, Manuel e Maria, *As Muralhas Medievais e post medievais de Tavira*, 2001, em *Património islâmico dos centros urbanos do Algarve: contributos para o futuro: comunicações*, Comissão de Coordenação da Região do Algarve, (2002).
- MATOS, José Luís de, *A moçarabia do Algarve*, 2001, em *Património islâmico dos centros urbanos do Algarve: contributos para o futuro: comunicações*, Comissão de Coordenação da Região do Algarve, (2002).
- MAZZOLI-GUINTARD, Christine, 2000 *Ciudades de al-Andalus, Espanha e Portugal en la época Musulmana (S.VII-XV)*, Almed.

TAHIRI, Ahmed, 2001, La Estructura Social en Gharb al-Andalus - y el Proceso de disolucion de los lazos de parentesco Tribal (siglos VIII-XI), em Património islâmico dos centros urbanos do Algarve: contributos para o futuro: comunicações, Comissão de Coordenação da Região do Algarve, (2002).

VAZ, Adérito, Tavira islâmica no contexto real da civilização, 2001, em Património islâmico dos centros urbanos do Algarve: contributos para o futuro: comunicações, Comissão de Coordenação da Região do Algarve, (2002).

www.catnaps.org

NOTAS

- (1) MAZZOLI-GUINTARD, Christine, 2000, p. 88
- (2) COUTINHO, Valdemar, coordenação de, 2001, Centros Históricos de Influência Islâmica, Tavira, Faro, Loulé, Silves, p. 12.